

**ARQUEOLOGIA** Pesquisadores começam hoje a escavar vilas de mineração do século 18 no vale do Guaporé, em Mato Grosso

# Estudo resgata cidades do ciclo do ouro

CLAUDIO ANGELO  
EDITOR-ASSISTENTE DE CIÊNCIA

Arqueólogos começam hoje a trazer à superfície um pedaço em boa parte ignorado da história do Brasil: as cidades “perdidas” do vale do Guaporé, em Mato Grosso. Eles passarão os próximos meses mapeando e escavando os arraiais de mineração erguidos durante o ciclo do ouro no século 18 —hoje engolidos pela selva— que, além de encher os cofres da Coroa portuguesa, demarcaram a fronteira ocidental do país.

O projeto de pesquisa —batizado, não por acaso, de Fronteira Ocidental— deve ajudar a entender o avanço português sobre o então território espanhol, a ocupação das cidades mineiras e seu abandono, no século 19.

“Outra coisa que esperamos é obter elementos para discutir o que é e o que não é tombável no patrimônio histórico da região”, disse à Folha o arqueólogo Paulo Zanettini, que coordena a pesquisa juntamente com Erika González, do MAE-USP (Museu de Arqueologia e Etnologia da USP).

Os pesquisadores também querem iniciar um estudo sistemático de sítios pré-históricos na região, virtualmente desconhecidos dos arqueólogos. No vale do Guaporé, região ocupada na época colonial por nações falantes de línguas do tronco jê, foram encontrados supostos vestígios humanos datados em 19 mil anos. “Devemos encontrar boas surpresas nos sítios pré-coloniais, porque se trata de uma região de ocupação muito antiga e próxima da zona de in-

fluência dos povos andinos”, afirmou González.

## Brasília colonial

Os trabalhos de escavação começam na cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, às margens do Guaporé. Apesar de ter pouco mais que 2.700 habitantes e só possuir estradas de terra até o ano passado, Vila Bela foi um dos núcleos estratégicos da colonização portuguesa no século 18.

A cidade, que completa 250 anos no próximo dia 19, é a antiga sede da Capitania do Mato Grosso, cujos domínios se estendiam até Rondônia. Ela nasceu no bojo de um engenhoso golpe diplomático para faturar em cima da expansão dos bandeirantes para as minas do Cuiabá e, ao mesmo tempo, dar um empurrãozinho para oeste na linha do Tratado de Tordesilhas (leia o texto abaixo).

Vila Bela foi fundada pelo capitão-geral Antônio Rolim de Moura em 1752, num lugar ermo, à beira do rio, com o propósito exclusivo de servir de capital. “Era uma espécie de Brasília do século 18”, afirma Zanettini. “Tinha elementos de arquitetura monumental, para ser avistada de longe, como um sinal claro de que aquilo era território português.”

Como toda capital, Vila Bela possuía um palácio, uma matriz —que nunca chegou a ser concluída— e até uma ópera. “No meio da Revolução Francesa [1789] tinha gente ouvindo ópera em plena selva”, diz Zanettini.

Hoje, tudo o que resta da antiga capital são as ruínas da igreja e do palácio, tombadas pelo Iphan

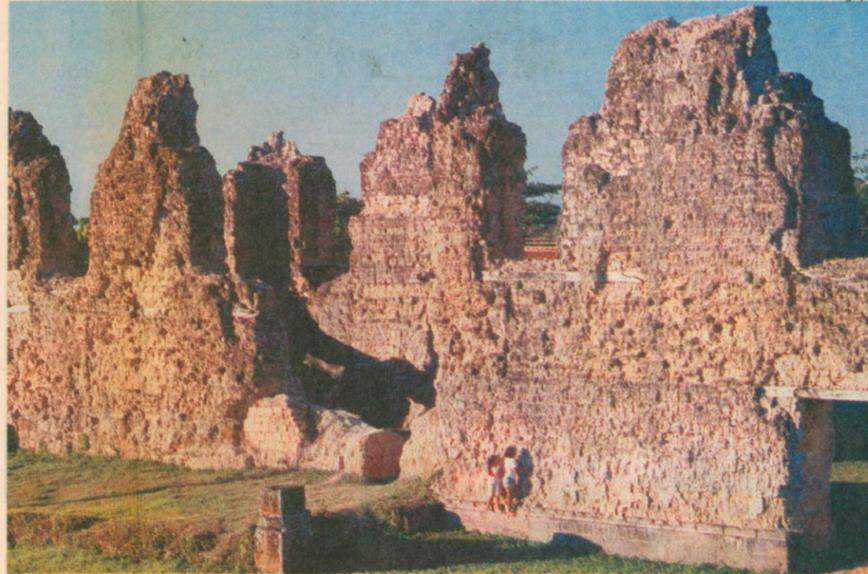
(Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Mas os pesquisadores apostam em tesouros na parte ocupada da cidade.

“Existe um velho hábito brasileiro de só tomar os símbolos do poder”, diz Zanettini. “Mas há espaços públicos e privados, onde hoje você encontra objetos históricos”, afirma, citando como exemplo a abertura de uma rua na cidade, durante a qual cacos de louça colonial brotaram do solo.

Vila Bela tem, ainda, o que o pesquisador chama de “patrimônio imaterial” a ser resgatado. Devido ao afluxo de escravos para lá no século 18 e a fuga da elite portuguesa para Cuiabá com a falência das minas, no século 19, a região tem população majoritariamente negra. “Essas pessoas querem entender o passado delas”, diz Zanettini.

Para explorar a cidade, os pesquisadores conseguiram financiamento da Fapemat (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso) para montar uma planta digital de todas as suas 92 quadras —1 milhão de metros quadrados— usando mapas de 1773, 1777, 1789 e 1981.

Munidos da planta, que registra todas as mudanças no espaço urbano desde o início da vila, eles deverão procurar os vestígios da antiga Vila Bela usando o GPR (radar de penetração de solo), que permite saber o que está enterrado sem a necessidade de abrir buracos em quintais alheios. “A arqueologia é sempre destrutiva, e esse é um método não-invasivo”, diz González. Os moradores desse antigo território agradecem.



Ruínas da igreja matriz de Vila Bela da Santíssima Trindade, marca do poder português na região



Planta de Vila Bela do período áureo da mineração em Mato Grosso, mostrando detalhes da cidade e das regiões próximas e revelando o cuidado e planejamento do Reino ao explorar esse posto avançado da dominação lusitana no Brasil



Paulo Zanettini/Divulgação



Ruínas com imponência medieval de São Francisco Xavier em processo de tombamento

## Garimpo ameaça conservação de ruínas

DA REDAÇÃO

As ruínas de Vila Bela da Santíssima Trindade e dos arraiais de mineração abandonados e engolidos pela selva no vale do Guaporé escondem um dos golpes de mestre da colonização portuguesa: o estabelecimento da Capitania de Mato Grosso, em 1748.

A história dos arraiais, no entanto, poderá virar poeira se o mapeamento e o tombamento das ruínas não forem feitos rápidos. As jazidas de ouro sobre as quais eles foram construídos ainda estão longe de se esgotar, e o garimpo é uma ameaça constante à conservação. “Vi um arraial inteiro destruído a bomba em Sararé, uma área indígena nhamiquara invadida por garimpeiros”, conta Zanettini.

Dos quatro arraiais do século 18 que deverão ser estudados pelo projeto Fronteira Ocidental, somente um, São Francisco Xavier da Chapada, está em fase de tombamento. Os outros três, Sant’Ana, Pilar e São Vicente, aguardam

mapeamento, para que o processo de conservação possa ser iniciado —antes que seja tarde.

### Esperteza de português

A incorporação da região ao mapa do Brasil começou com a descoberta de ouro pelos bandeirantes na região de Cuiabá, no início do século 18, que culminou com a fundação da vila em 1727.

A partir de Cuiabá, as expedições de busca de ouro e de apresamento de índios se estendem para noroeste, até o território dos índios parecis. “No processo, perceberam que o ambiente daquela região era diferente, era floresta —mato grosso”, conta o historiador Carlos Rosa, da UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso), explicando o termo que daria nome ao Estado.

Em 1734, a notícia da descoberta de ouro no Mato Grosso dos Parecis —como era chamada a área— vaza e chega a Lisboa. A Coroa toma posse das jazidas e passa a distribuir concessões de lavra.

A exploração aurífera no Mato

Grosso ganha impulso. Fundam-se vários arraiais, sendo o principal deles o de São Francisco Xavier da Chapada, que ganhou até um terminal eclesiástico. Como em Minas Gerais, a Coroa traz uma grande quantidade de escravos para o trabalho nas minas.

“Há registros da existência de 6.000 escravos só em São Vicente”, diz Zanettini. Isso explica o fato de a maioria da população atual de Vila Bela ser negra.

Em 1748, cria-se a Capitania do Mato Grosso. Só que, em vez de fazer da já povoada Cuiabá a capital, os portugueses preferem implantá-la em Vila Bela, uma espécie de posto avançado no meio do território que, pelo Tratado de Tordesilhas, pertencia à Espanha.

“A Coroa ofereceu vários incentivos fiscais, como a isenção do quinto [um imposto sobre o ouro], para as pessoas se fixarem lá”, diz Rosa. A artimanha funcionou: em 1750, o Tratado de Madri reconhecia os direitos lusos no alto Guaporé. “E ainda tem gente que diz que português é burro.”